

O SONHO DE UMA UNIVERSIDADE E OPOSIÇÃO AO COMUNISMO NAS PUBLICAÇÕES DOS JORNAIS, O ESTUDANTE E UNIVERSITÁRIO, EM BLUMENAU NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960

THE DREAM OF A UNIVERSITY AND OPPOSITION TO COMMUNISM IN NEWSPAPERS PUBLICATIONS, THE STUDENT AND UNIVERSITY, IN BLUMENAU BETWEEN THE DECADES OF 1930 AND 1960

Angelo Vandiney Cordeiro¹

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir o nascimento da União Blumenauense de Estudantes – UBE, bem como uma de suas principais reivindicações, que era o ensino superior na cidade de Blumenau, e o entendimento estudantil manifestado nos artigos do jornal “O Estudante” sobre o comunismo. É importante lembrar que as décadas de 1950 e 1960, contempladas neste artigo viviam o mundo pós-Segunda Guerra Mundial, sendo assim, a ideologia comunista figurava no cenário mundial como oposição ao capitalismo americano, este apoiado pelos militares que implantaram a Ditadura Militar no Brasil, em 1964, com o apoio estadunidense. Essas influências ideológicas estão presentes nas publicações da UBE, e serão debatidas neste trabalho.

PALAVRAS CHAVE: *União Blumenauense de Estudantes – UBE. Ensino Superior. Comunismo.*

ABSTRACT: *This paper aims to discuss the birth of the Union of Blumenauense Students - UBE, as well as one of its main claims, which was higher in the city of Blumenau, and student understanding expressed in the articles of the newspaper “The Student” on communism. It is important to remember that the 1950 and 1960 included in this article lived the world after World War II, so the communist ideology appeared on the world stage as opposed to American capitalism, the military-backed dictatorship that implemented the Military in Brazil 1964 with U.S. support. These ideological influences are present in the publications of the UBE, and will be discussed in this paper.*

KEYWORDS: *Union of Blumenauense Students - UBE. Higher Education. Communism.*

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende fazer um debate sobre a constituição do movimento estudantil em Blumenau, o qual nasceu na década de 1950, bem como analisar as publicações que se referem às reivindicações pelo ensino superior na cidade e as matérias referentes ao comunismo.

O trabalho foi elaborado, utilizando o Jornal “O Estudante”, este de responsabilidade da União Blumenauense de Estudantes – UBE, além de bibliografias que abordam a temática em análise. Percebem-se nesse periódico, manifestações alusivas ao comunismo, à música que vinha passando por renovação no cenário nacional, reflexo do novo estilo musical em evidência, o Rock. Outra questão debatida era a presença feminina em espaços públicos, no que tange aos comportamentos exigidos para as meninas.

Em Blumenau, na década de 1950, figuravam com hegemonia três escolas de ensino médio: o Colégio Santo Antônio, o Colégio Sagrada Família e o Colégio Pedro II, destes educandários é que surgem os primeiros debates para a organização dos estudantes na cidade, bem como a produção de periódicos informativos de cunho estudantil.

¹ Filósofo (UNIFEBE) e Historiador (FURB). E-mail: angelo.his@castelocolegio.com.br

O uso de jornais como fonte de pesquisa é um recurso a mais para os pesquisadores que trabalham com momentos de uma história recente. Tânia Regina de Luca, em seu texto, “História dos, nos e por meio dos periódicos” debate a questão do uso de jornais como fonte de pesquisa. A autora faz uma discussão sobre a mudança nas formas de abordagens sobre novos temas, os quais entram como passíveis de serem investigados em problemáticas históricas, valendo-se da análise de alguns autores da “terceira geração dos Annales”. Essa mudança foi possível no final do século XX, “quando a prática historiográfica alterou-se significativamente” (LUCA, In: BACELLAR, 2006. p. 112). A autora discorre sobre a quebra desse preconceito para esta tipologia documental, gerada pela imprensa. Ao abordar o tema ela cita alguns trabalhos significativos que foram feitos com base em periódicos, e no Brasil, o “pioneirismo incontestado cabia a Gilberto Freyre, que por meio dos anúncios de jornais estudou diferentes aspectos da sociedade brasileira do século XIX” (LUCA, 2006. p. 117).

Bacellar em seu texto “Uso e mau uso dos arquivos” assegura que é preciso “conhecer o funcionamento da máquina administrativa para o período que pretende pesquisar” (BACELLAR, 2006, p. 44). Desse modo, referindo-se à cidade de Blumenau, que vivia um

acelerado crescimento industrial, elevando com isso o crescimento populacional, por isso, as principais preocupações do prefeito em exercício, Hercílio Deeke eram com saneamento, alargamento de ruas, infra-estrutura viária, organização do trânsito, com ligações, saídas e pontes bem como a construção da estação rodoviária (PETRY; FERREIRA, 2000. p.213).

Foram nesse cenário de transformações sociais, econômicas, políticas e culturais, que “fulgurou nos umbrais da sociedade, a 26 de setembro de 1953, a União Blumenauense de Estudantes (UBE) pequena, humilde, qual criança ensaiando os primeiros passos, não mais na “aura prima” da mente de estudantes abnegados e afeitos a luta em prol da classe estudantil” (O ESTUDANTE. Ano I, nº 3. Agosto de 1955. p. 1). “Logo após a fundação foi eleita a diretoria provisória, sendo que o cargo de presidente coube ao Sr. Pedro Carlos da Silva e vice o Sr. Gil Garcia” (O ESTUDANTE. Ano I, nº 3. Agosto de 1955. p. 1).

Fundada a UBE, a organização necessitava de legitimação e espaço para atender aos anseios estudantis e reivindicações daquele tempo, que eram voltados para abatimento nas passagens de ônibus coletivos da cidade e meia-entrada no cinema, casas de cultura e diversões.

Um dos meios para os estudantes alcançarem a categoria estudantil foi o fato dos “membros da UBE terem conseguido um espaço na PRC-4, emissora local, meia hora para um programa dos estudantes” (Idem). Essa medida tornou possível a divulgação da organização estudantil, bem como os encaminhamentos legais e a programação de atividades levados ao conhecimento de toda categoria.

O nascimento da União Blumenauense de Estudantes coincide com o final do governo democrático de Getúlio Vargas, que se finda com o seu suicídio, o qual convivia no cenário mundial com as tensões da Guerra Fria, encabeçada pelos Estados Unidos defensores e representantes do capitalismo, e pela Rússia portadora da ideologia comunista, essas ideologias perpassam os discursos e posicionamentos nas publicações do Estudante.

A compreensão do Movimento Estudantil sempre transcorre pela hegemonia estudantil universitária, porém, há que se lembrar de que os secundaristas sempre estiverem presentes e envolvidos nos acontecimentos e protestos encabeçados pela União Nacional de Estudantes. No Brasil, a União Nacional dos Estudantes Secundaristas “foi fundada em 1948, mas antes mesmo os secundaristas já participavam dos movimentos e das grandes campanhas deslançadas pela UNE” (ARAÚJO, 2007. p. 68).

O nascimento da organização nacional antecede em cinco anos à organização regional em Blumenau, o que mostra uma atualização dos estudantes da cidade em relação aos problemas e discussões referentes ao meio estudantil, além de reivindicações que viessem a favorecer a categoria organizada.

2 O SONHO DE UMA UNIVERSIDADE EM BLUMENAU

Um das maiores reivindicações encabeçadas pela União Blumenauense de Estudantes era a criação de uma faculdade. Esse sentimento estava expresso pela própria cidade, pois não se justificava uma cidade polo da indústria têxtil, não contar com profissionais formados para atuarem nas empresas. Não se justificava mais o ensino superior estar só nas grandes capitais. Outra razão para a sua implantação devia-se ao fato de somente os filhos das famílias com maior poder aquisitivo poderiam frequentá-las excluindo os jovens, filhos de operários de obterem uma graduação.

Essa questão frequentemente era assunto de conversa entre os estudantes que levantaram em 1956, no jornal O Estudante a pergunta: Por que Blumenau não tem uma Faculdade? O texto num determinado momento, assim, manifestava: “Por hora, só os filhos da classe rica e raros da média podem continuar seus estudos. Quantos outros não gostariam de seguir carreira até conquistar seu ideal? [...] Mas infelizmente, não podem, a não ser em outras cidades.” (PETRY & SOARES, In: SASSE. 2001. p. 10). Esse apelo reflete o anseio estudantil, que mobilizou a sociedade blumenauense, e inferiu no seio da comunidade uma campanha em massa para conseguir ensino superior na cidade.

“Em 1954, com pronunciamentos na Câmara Municipal, União Blumenauense de Estudantes e Clubes de serviços, começaram a surgir em Blumenau as primeiras solicitações para a implantação de unidades de ensino superior na região do Vale do Itajaí”. (UNIVERSITÁRIO. Ano I, Maio de 1974. nº 1. p. 4.) Essa bandeira foi sendo carregada e exigida pelos estudantes. Mas o processo e a consolidação de tal ato não foram simples, porém as ações e reivindicações foram muitas, exemplificado por uma matéria publicada no jornal O Estudante de julho de 1962, pelo estudante Luiz Antônio, na qual ele manifestava indignação, pois segundo ele, “não se justifica que Blumenau, a capital da indústria, uma colméia de trabalho e de progresso, esteja desfalcada de faculdade” (O ESTUDANTE. Ano I, Blumenau, Julho de 1962. nº 1. p. 1). Esse trecho ainda é antecedido, por uma afirmação corrente na cidade nesse tempo, quando se afirmava categoricamente que “Blumenau precisava de uma faculdade, e a mesma seria um tópico de esperança para os estudantes blumenauense” (Idem).

O movimento para a obtenção de uma faculdade teve “ênfase a partir de 1956, depois de a UBE ter participado da greve nacional liderada pela UNE, no mesmo ano, trazendo também os apelos de que somente os filhos de pessoas mais abastadas podiam custear um curso superior fora da região de Blumenau” (CAREZIA, 2005. p. 15). As discussões seguem acirradas, e ponderações também surgem a respeito de que cursos seriam mais importantes para a cidade, e nesse jogo de forças destacava-se a necessidade da criação do curso de Química, este foi defendido pelo “vereador Bernardo Wolfgang Werner, em forma de carta na câmara de vereadores, sob o argumento de que devido à tradição no ramo da indústria têxtil estar presente em quase todo o médio vale do rio Itajaí, este curso traria a capacitação dos operários.” (Idem).

A campanha refletia as necessidades existentes na região, levava em conta a utilidade prática dos cursos a ser criados, a qualificação da mão de obra para as empresas do vale, e até mesmo cursos que não modificassem a estrutura estável de alguns conservadores da cidade de Blumenau.

Dentro desse cenário,

em 1959, a UBE promove nova e acirrada campanha através do jornal da entidade, O Estudante, reivindicando a implantação de faculdades em Blumenau. Mas só em 1962 é criada outra comissão especial para estudar a instalação de um curso superior no município, o qual, segundo o presidente da UBE, Egydio Volpato, seria de Filosofia. A sugestão de Bernanrdo Wolfgang Werner para tal comissão era de três cursos: o de filosofia, para garantir a continuidade na formação dos professores de escolas secundárias, além do já citado curso de Química, para atender a parte técnica das indústrias locais, e um curso de Ciências Econômicas para atender a parte administrativa da classe empresarial. No entanto, criou-se um

impasse sobre qual curso oferecer primeiro, com grupos que apoiavam ora um ora outro, vencendo no finais os que tinham mais argumentação e influência junto ao poder público. (CAREZIA, 2005. p. 15).

Percebe-se que ocorriam grandes impasses para a criação da faculdade. Os cursos a serem oferecidos, e as vantagens obtidas por estes, cada movimento, ou entidade defendia seus interesses pessoais em detrimento do coletivo. Nota-se que alguns não aceitavam o curso superior, por não pensarem em concorrência na cidade, em algumas áreas. Como em muitos casos, cada entidade e até profissões defendiam as suas prioridades e até avaliando se seriam úteis à elite local. Daí decorre que os empecilhos vão povoando e minando a possibilidade do ensino superior na cidade.

Contemporaneamente à luta pela faculdade, também existia outra reivindicação dos jovens operários por cursos ginasiais noturnos, pois eles trabalhavam na indústria de dia, e à noite, pretendiam estudar. A esse respeito Petry, mostra que, “organizados através de sua entidade máter – a UBE – os estudantes de área urbana começaram a perceber que não lhes restava alternativa: ou lutavam por ginásio noturno, como o fizeram, e por faculdades, ou acabariam engolidos por um destino incapaz de levá-los a um padrão de vidas superior” (PETRY; SOARES. 1992. p. 22). Era preciso enfrentar algumas barreiras, como a própria oposição de cursos tradicionais e ligados à própria religião.

Como toda mudança desloca opiniões de aprovação e reprovação, as reivindicações recebiam golpes de conservadorismos e interesses particulares. Vitor Fernando Sasse esclarece que, “quando trabalhou para a implantação do curso Científico noturno no Pedro II, o movimento contra foi incrível. Tivemos debates públicos pela imprensa [...] os padres daqui eram radicalmente contra. Tentaram me catequizar, [...] era um absurdo implantar um curso científico noturno em Blumenau” (CAREZIA, 2005. p. 18), era uma defesa pessoal, um pensamento conservador que não queria concorrência frente ao monopólio da educação científica, justificavam os padres segundo Sasse que “isso iria inviabilizar a continuidade do científico no Santo Antônio, por que nós iríamos perder um bom curso diurno, implantando um mau curso noturno, e o bom iria fechar” (Idem). As mudanças preteridas, mexiam com os cursos tradicionais da cidade, e possivelmente, esses cursos perderiam alunos para o horário noturno caso fosse implantado, conforme reivindicavam os estudantes.

Por esses impasses percebe-se que faltava vontade política, grupos de oposição quanto à luta pela implantação do ensino superior na cidade e região. Convivia-se nesse momento com o medo das ideias comunistas. A Guerra Fria, também atingia a cidade, e os discursos conservadores, faziam ecoar medos de rebeldia, pois segundo Rivadávia Wollstein,

a oposição sempre houve. Por que implantar uma universidade é em primeiro lugar um ato de rebeldia, de anticonservadorismo. Quer dizer que alguma coisa que está colocada vai ter que ser desfeita, para o surgimento de outra. Então a uma cidade conservadora, como Blumenau, custou assimilar a ideia de uma Universidade (CAREZIA, 2005. p. 15).

Já Milton Pompeu da Costa Ribeiro afirma “que não havia um movimento declarado contra a implantação da faculdade na região” (CAREZIA, 2005. p. 15).

A discussão existia, e os que afirmam ter oposição quanto à implantação são categóricos em perceber essa resistência. Por mais que todos sentissem a necessidade do ensino, pois com isso a cidade crescia, as pessoas se tornariam mais abertas aos problemas, as necessidades da cidade seriam aos poucos menores, os jovens poderiam estudar sem se deslocar para outros centros longe de casa, mesmo assim, sobrava espaço para antagonismos e defesa da tradição conservadora que existe até hoje na cidade. Os espaços de crescimento que seriam abertos e inovados com o ensino superior estavam sendo ocupados também pelos defensores da tranquilidade e da vida segura, sutilmente trabalhando contra a mudança, e o sonho de milhares de pessoas que se beneficiariam com tal processo educacional.

Dentre todos esses impasses, desencadeia-se também uma disputa política para apadrinhar e se promover frente à criação da universidade, encabeçados, sobretudo pela UDN e o PSD. Segundo (PETRY; SOARES, 1992. p. 23), “os componentes políticos utilizados no processo, se de um lado causava irritação nos estudantes, desconfiados de que o assunto estivesse sendo explorado demagogicamente, acabaram fortalecendo a marcha de campanha”.

Com todos esses impasses, debates, afirmações e condenações, o mais importante era a possibilidade de ver se tornar realidade o ensino superior em Blumenau, até porque os mais interessados e ao mesmo tempo, beneficiados com tal feito, seriam os estudantes. Decorrente de debates e reivindicações estudantis e demais entidades, como já citado neste trabalho anteriormente, em “5 de março de 1964, foi criada a Faculdade de Ciências Econômicas, através da Lei nº 1223”(UNIVERSITÁRIO. Ano I, Maio de 1974. nº 1. p. 4), a mesma “começa a funcionar nas dependências da Escola Barão do Rio Branco, [...] onde permaneceria até o ano seguinte, quando sua estrutura se transferia para o Grupo Escolar Julia Lopes de Almeida, onde permaneceu até março de 1969” (PETRY; SOARES, 1992. p. 25).

Com a fundação do primeiro curso, percebe-se também que os estudantes tiveram dificuldades de continuar a organização a partir da UBE. É preciso perceber que a fundação da primeira faculdade em Blumenau coincide com o Golpe Militar de 1964, e, portanto, esse governo autoritário, que afluía pelo Brasil, restringiu a participação estudantil e sua organização foi extinta aos poucos no cenário nacional. Aqui em Blumenau,

enfraquecida, a UBE viu recolhidos aos porões do Fórum toda a sua documentação, suplantando-se o entusiasmo acumulado durante quase quinze anos de permanente atuação e participação na vida do município”. O desestímulo, encorajado pelas ameaças de repressão, liquidaram também com o Grêmio Estudantil Blumenauense e com os jornais. “O Estudante” e “Gazeta Pebeana”, órgãos de apoio às reivindicações da juventude blumenauense. Saiu do ar, também, o programa “Clube do Estudante”, tradicional porta voz de todos os anseios acumulados por uma geração participativa e atuante. (PETRY; SOARES, 1992. p. 25).

No momento em que o Movimento estudantil teria que ganhar força, pela conquista do ensino superior, para liderar os anseios estudantis no centro superior, esfria-se o entusiasmo, e até retomar novamente, sob a tutela universitária, vai ser um pouco demorado.

A motivação que os jovens tiveram durante anos foi concretizada, e a partir do primeiro curso, a faculdade foi crescendo e transformando-se em um dos maiores centros de ensino do Estado de Santa Catarina. O mérito precisa ser dado aos secundaristas que vislumbravam essa possibilidade. Nota-se nas publicações do jornal “O Estudante” que esse anseio acompanhava o cotidiano da organização, tornou-se uma questão de honra, pleiteada pelos estudantes. Os discursos eram frequentes nessa área, algo inovador, motivado também por interesses, mas que beneficiava a coletividade e possibilitava a realização de sonhos, que antes para muitos jovens parecia distante, mas após a faculdade torna-se possível.

Para essa questão a crítica infere mais sobre o conservadorismo político e social, no que se refere à negação da implantação de alguns cursos, que poderiam trazer concorrência em certas áreas, como odontologia e farmácia, ou até por desconhecimento científico das autoridades locais.

Para aqueles que tinham medo da rebeldia e da crítica, que viria com o ensino superior, representou uma derrota, mas que com o tempo passou a ser acolhido por toda cidade, independente de ideologias e posicionamentos antagônicos.

3 OPOSIÇÃO AO COMUNISMO

Não se pretende ser unilateral, ao afirmar por meio da análise dos textos publicados no “Estudante” que o comunismo era abominado e execrado na cidade, até porque, esta é apenas uma

possibilidade de fonte a qual está sendo analisada. Porém, o que asseguramos é que sobre esse tema, a unanimidade prevalece e os conselhos sobre os males do comunismo aparecem claramente nas publicações existentes no jornal em estudo. Em consonância com o Brasil, publica-se em notícias breves:

Comunistas agindo nos meios estudantis em todo o Brasil. Alerta a União Catarinense de Estudantes. Foi apurada a existência de uma entidade, formada por um grupo de elementos subversivos e agitadores que, aquinhoados pelo Partido Comunista Brasileiro, dizem-se representantes da classe, com o fito de introduzir, no seio da mesma, as ideologias bolchevistas. Em quase todos os pontos do território nacional, agem estes elementos, com o fito de catequizar os jovens inexperientes. Como se tal não bastasse, o presidente dessa pseudo-entidade é vitalício, sendo seus congressos realizados com alguns grêmios por eles fundados e mantidos, assegurando-lhes o cargo. Os demais membros são escolhidos a dedo. São estes os pontos principais que desabonam estes indivíduos como representantes da classe (O ESTUDANTE. Junho de 1955. Ano I. nº 1. p. 8).

Afirma-se em consonância com o Brasil, porque nesse tempo, a grande tona era viver entre os antagonismos ideológicos comunistas e capitalistas. Hélio Schwartz (O ESTUDANTE. Julho de 1962. Ano I, nº 1. p. 6), em uma matéria intitulada, “O comunismo e a sociedade” se posiciona a esse respeito: “É do conhecimento de todos, que o comunismo, teoricamente, tem algo de aproveitável, no entanto, sua prática é uma lástima”. Essa prática se espelhava no exemplo russo, onde o comunismo foi implantado, e onde se fazia oposição declarada ao capitalismo americano.

O autor segue, referindo-se ao estudante, alertando para que ele “livre-se daqueles lobos vermelhos, que fantasiados de ovelhas, se aproximam do aprisco para saciarem sua fome voraz.” Finalmente, faz uma apologia, conclamando para que “forme conosco, por que é do seu apoio que precisamos, uma frente de combate ao comunismo, esta praga que a passos largos contamina o mundo. Juntemos todos nós em conjunto contra essa doença, para que no futuro, seja Deus o motivo de nossa religião, de nossa existência”.

A ideologia predominante na cidade era favorável ao capitalismo, em oposição ao comunismo, nota-se um medo, sendo o comunismo uma ameaça para a juventude. Essa ideia também era corrente no Brasil, pois mais tarde, esse medo, e essa defesa da democracia, fez o país mergulhar em um “Regime Militar”, que coibia as manifestações democráticas, pois o comunismo nos discursos enunciados representava uma afronta à democracia. No cenário Blumenauense, as ideias que manifestassem resquícios de comunismo eram descartáveis e combatidas.

A cidade, com o Golpe Militar, mostrou-se favorável ao novo regime. O então administrador municipal Hercílio Deeke (1964-1966), assim se manifestou em nome da cidade:

já antes de eclodir o movimento armado de 31 de março de 1964, a municipalidade, aliada as classes operárias e as patronais, se movimentava no sentido de congregar todos os elementos capazes de reagir até mesmo pela força, contra qualquer manifestação provocada pelos aproveitadores e corruptos que pretendem arrastar o país ao comunismo (DEEKE, In: PETRY; FERREIRA, 2000. p. 224).

Mediante essa fala tudo indica que as autoridades em exercício estavam em acordo com o governo federal, ao colocar o General Castelo Branco no poder em 1964. Ele esteve em Blumenau, e foi recebido com honrarias pelas autoridades locais e pela sociedade, que o prestigiou, observado por Petry. Segundo ela,

em sintonia com o governo militar, Blumenau foi um dos primeiros municípios brasileiros a aderir à Campanha do Ouro para o Bem do Brasil, arrecadando três quilos do metal e Cr\$ 55 milhões em espécie. As relações amistosas com o

militarismo ficaram patentes em 1965, com a visita do presidente Castelo Branco, recebido calorosamente pela população (PETRY; FERREIRA, 2000. p. 226).

Visivelmente esse posicionamento também povoava as publicações da UBE. Lembrando que nesse período o que prevalecia na UNE, era uma frente socialista, e uma dissidência destes, formando a Ação Popular, portanto nesse tempo, as ideias nacionais estão um pouco distantes das preteridas e aceitas pela União Blumenauense de Estudantes, basta observar uma matéria publicada com o título “O objetivo da U.B.E”, em que se alerta para que ao falar da “união de estudantes, imagina-se logo, perturbação, greve comunismo. É evidente, a base para esse argumento foi firmada pelo comportamento da UNE e de algumas entidades estudantis em ralação aos acontecimentos que culminaram com a Revolução de 1º de abril” (O ESTUDANTE. Junho de 1964. Ano 9. nº 1. p. 1).

O texto defende a ideia de que se faziam greves a qualquer pretexto, chegando ser corrupção. Por esse posicionamento e pelo próprio título da matéria, um dos principais objetivos da UBE, era alertar a população e os estudantes quanto aos perigos, os modos da ação dos comunistas, por meio de suas ideias e projetos. Tem-se até uma catequização dos jovens, uma busca pela conservação da moralidade, presente em um texto escrito por F.C.Allende, no qual afirma “querem trazer para a nossa mentalidade ideias anárquicas e subversivas contrárias ao nosso progresso e à nossa ordem, quando o brasileiro é por índole disciplinado e pacífico”.

Essa ideia é mais uma ingenuidade e uma defesa dos princípios coloniais do que propriamente uma característica dos brasileiros, e notadamente dos blumenauenses. Conserva-se essa memória de submissão, de pacífico, como apresentaram os nativos aos portugueses na tomada do Brasil. Aliado ao discurso estadunidense, de povo ordeiro e amante da pátria, trabalhador e não ligado às questões de desordem, do qual o comunismo estava sendo acusado.

Não se pretende defender os benefícios do comunismo, nem é essa a intenção da pesquisa, a qual versa sobre as publicações de periódicos que tenham relações com o meio estudantil brasileiro, e busca-se perceber isso pela análise dessas publicações. O importante é perceber que, mesmo sendo algo ligado a UNE, faz-se uma crítica forte na matéria analisada acima.

O papel desempenhado pelo estudante organizado e ligado a UNE, na década de 1960, era de reivindicações e busca por autonomia, não de conservação de costumes ordeiros e medo de novas ideias. Os estudantes, pelas suas manifestações, estavam abertos a novas concepções, até mesmo para que o debate, o diálogo fosse rico em diferenças e novos argumentos.

Aclamado como subversivo, mentiroso e enganoso para a nação o jornal “O Globo” na sua edição de 13 de maio de 1962 trouxe um artigo intitulado “Meditem os responsáveis pelos destinos do país”. Neste texto, o autor fez uso de algumas falas de um discurso de Getúlio Vargas, por meio do qual ele profetizava ao falar do comunismo como “a dissimulação, a mentira, a felonía, constituem suas armas, chegando, não raro, à audácia e ao cinismo de se proclamarem nacionalistas e de receberem o dinheiro da traição para entregar a pátria ao domínio estrangeiro” (O ESTUDANTE. Blumenau, julho de 1962. Ano I. nº 1. p. 4). Como se percebe, há no seu teor uma busca de tomada de consciência do povo brasileiro em relação a esse problema proveniente de Moscou.

O medo desencadeado se disseminou em relação à perda da democracia, pois os relatos descreviam o comunismo como antidemocrático. Esse discurso está muito evidente no texto publicado pelo professor Evaldo Trierweiler, ao referir-se ao governo de João Goulart, questiona a democracia e acusa-o de comunista, enquanto ele dizia estar governando o Brasil com tranquilidade, “paz e sossego,” (O ESTUDANTE. Blumenau, abril de 1963. Ano I. nº 2. p. 1). A matéria questionava essa calma, comentando que o presidente aos poucos direcionava o Brasil para o comunismo.

Outra constatação deve-se ao apelo religioso que vinha ganhando proporções com a influência da igreja como um elemento em oposição às ideias e propostas comunistas que circulam na época. Nesse sentido, aparece a fala de Allende ao escrever no jornal “O Estudante”: “querem estabelecer o culto do homem pelo homem, desprezando as leis eternas e a eternidade de outra vida”. E, continua ao referir-se aos jovens acomodados: “se o comunismo e outras ideias anticristãs se propagam tão assustadoramente entre os jovens na época atual, pode-se atribuir a culpa, sem

medo de errar, a estes jovens burgueses, que só apreciam o lado cômodo da vida” (O ESTUDANTE. Blumenau, julho de 1955. Ano I. nº 1. p. 3). Essa publicação carrega uma contradição, pois a crítica teórica comunista é sobre a sociedade burguesa, o que na publicação afirma serem os burgueses portadores dessa ideologia.

Edson Lucas, ao comentar o ponto de vista da igreja católica em Blumenau, assim escreve o “combate as ações comunistas na cidade de Blumenau encontrou no clero católico um dos principais expoentes, principalmente nas pessoas dos freis Efrem e Brás Reuter, ambos vigários da paróquia São Paulo Apóstolo” (FABRICIO, 2011. p. 62).

Com o texto “quem é o reacionário”, Carlos Wendt procura evidenciar que “os pontos de vista de Stalin sobre o homem e a sociedade são, comparativamente, mortalmente estáticos e arcaicos”. (O ESTUDANTE. Blumenau, Julho de 1964. Ano 9. nº 2. p. 5).

A figura de Stalin era utilizada para amedrontar e fundamentava-se como argumento para convencer o mundo Ocidental que o comunismo deveria ser combatido. Essa função coube aos Estados Unidos, que o fez durante os anos da Guerra Fria.

Nas edições do “O Estudante” desencadeou-se uma verdadeira cruzada, alertando contra os perigos que representavam o comunismo. Segundo Edison Lucas, “o anticomunismo na imprensa de Blumenau foi uma prática constante entre os anos de 1960 e 1964. Em linhas gerais, podemos identificar vários tipos de discursos anticomunistas: o discurso clerical, o militar, o partidário, o integralista travestido nos perepistas, o católico/feminino, o empresarial, etc.” (FABRICIO, 2011. p. 57).

Ao produzirem esse periódico, os estudantes responsáveis por ele, demonstraram seu posicionamento sobre o comunismo, sendo esse tratado como arcaico e perigoso para uma sociedade democrática.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao eleger o jornal “O Estudante”, como fonte de pesquisa, não estamos fechando o debate, a fim de tomar a fonte como verdade daquele momento em Blumenau. O que se pretende é abrir o leque para a existência de outras possibilidades divergentes das quais estão sendo produzidas, porém, ao apresentar os discursos presentes neste jornal, estamos mostrando uma possibilidade de interpretação do pensamento estudantil e jovem do período pesquisado.

É importante perceber que em Blumenau existiu desconfianças sobre a existência de um “Movimento Estudantil”, com presença forte frente aos problemas da categoria. Ao percorrer as publicações, depara-se com uma organização elitizada, que defende ideias que circulavam nos meios frequentados por esses estudantes, exemplificados pela produção do próprio jornal em análise, que predominava publicações envolvendo o colégio Santo Antônio e trazendo poucas matérias sobre o Colégio Pedro II.

É importante frisar que a pesquisa fica aberta, com possibilidades de outros olhares e fontes que possam trazer discrepâncias quanto às afirmações feitas neste artigo, porém, compreender o mundo de 1950 e 1960, e suas inúmeras transformações requer cuidado para não inferir juízos, e sim ao analisar as fontes tentar entendê-las no seu tempo, bem como quem as produziu e com que influências elas foram produzidas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **Memórias estudantis**: da fundação da UNE aos nossos dias. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Fundação Roberto Marinho, 2007.

BACELLAR. **Fontes históricas** /Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CAREZIA, Roberto Marcelo. **Memórias da FURB (1964 – 2004)**. Blumenau: Edifurb, 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Ed. Bertrand Brasil Ltda. Rio de Janeiro, 1985.

FABRICIO, Edison Lucas. **O PCB em Blumenau: entre a história e a memória**. In, Blumenau em Cadernos. Tomo 52 nº 3 maio/junho 2011.

LUCA, Tania Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: BACELLAR, Carlos. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2006.

O ESTUDANTE. Setembro de 1955 a Maio de 1964. Acervo: Arquivo José Ferreira da Silva.

PETRY, Sueli Maria Vanzuíta. FERREIRA, Cristina. **A fibra tece a história: a contribuição da indústria têxtil nos 150 anos de Blumenau**. Blumenau: Sintex, 2000.

PETRY, Sueli Maria Vanzuíta. SOARES, Luiz Antônio. **Uma contribuição para a história da FURB**. Blumenau: Ed. da FURB, 1992.

SASSE, Liane Kirsten. **Movimento estudantil na FURB: visões e memórias do DCE no universo acadêmico 1964 – 1986**. Blumenau, 2001.

UNIVERSITÁRIO. maio de 1974 a junho de 1975. Acervo: CMU/FURB

